

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Impacto devastador da COVID-19 e as desigualdades sociais*Devastating impact of COVID-19 and social differences**Impacto devastador del COVID-19 y las desigualdades sociales*Camilo Darsie,¹ Marcelo Carneiro,¹ Mozart Linhares da Silva,¹ Marisa Fernanda da Silva Bueno,¹ Douglas Luís Weber,¹ Camila Francisca Rosa.¹¹Programa Strictu Sensu em Educação e Programa Strictu Sensu em Promoção da Saúde - Universidade de Santa Cruz, RS, Brasil.

Recebido em: 25/04/2021

Aceito em: 26/04/2021

Disponível online: 26/04/2021

Autor correspondente:

Marcelo Carneiro

marceloc@unisc.br

RELATO

Desde o início da pandemia muitos estigmas foram criados como doença em quem pode viajar para o exterior, especialmente, Itália e então uma doença de ricos. As classes não favorecidas não percebiam um risco associada ao COVID-19. Atualmente, percebe-se que todos estão igualmente expostos, mas locais com grande concentração populacional no Brasil são os de maior incidência (urbano vs rural; grandes cidades vs baixas cidades). À primeira vista, o raciocínio parece lógico: se ninguém tem imunidade contra microrganismo, que não escolhe suas vítimas, em tese todos estão sujeitos ao mesmo risco de infecção. Não demorou muito para que dados derrubassem o equívoco e escancarassem o impacto das desigualdades sociais na prevenção e propagação da pandemia. No Brasil, 75% dos mais pobres são negros, segundo um levantamento realizado em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou como pretos e pardos trabalham, estudam e recebem menos que os brancos no país.

Os dados do Ministério da Saúde do Brasil começaram a incluir a cor da pele a partir do dia 11 de abril de 2020 (um mês e meio depois da confirmação do primeiro caso de Covid-19) devido à pressão de ONGs nacionais. O racismo está estruturado na sociedade e interfere no acesso as instituições de saúde. As pessoas de cor preta/pardo apresentam maior predisposição a diabetes e hipertensão, ou seja, riscos para complicações relacionadas a Covid-19. O saneamento básico é restrito para as populações menos privilegiadas, mais trabalho informal

ou desemprego”. Como lavar as mãos se não possui água encanada. Temos que pensar que isolamento social para uma grande parcela de pessoas não será possível, pois são considerados profissões essenciais, policiais, médicos, atendentes de supermercado, operários, seguranças, entre outros. Muitos precisam trabalhar para manter o básico para a vida das pessoas em isolamento continuar a se manter.

A questão não é quem vai morrer ou viver e sim como o sistema está organizado pelos governantes para resolver os acessos. Cronicamente o Brasil apresenta falta de leitos e UTI, apesar de ser um dos países com maiores índices de leitos/habitante, somente agora na pandemia que tal fato ganha a mídia. Qual o motivo? Alarmismo? O filósofo Achille Mbembe ressalta que governos decidem estratégias de políticas de saúde pública com recursos reduzidos. Escolhas de quem vive ou morre. (ref) Um pacto feito oficialmente através de normativas de indicação como, por exemplo, quem são os grupos prioritários para as vacinas de influenza e que possivelmente se repetirá quando liberarem a vacina contra COVID-19. Como aconteceu após a Pandemia de Influenza de 2009 a enfermidade hoje é negligenciada e pouco se faz ou se fala sobre Influenza em 2020. O que mudou? Influenza não existe mais? Saiu de moda?

No entanto, muitas doenças negligenciadas no mundo, especialmente, no hemisfério sul, são em populações fragilizadas como pobre, presidiários e negros. Mas ressaltamos que o atendimento primário de saúde possui meios de atuar e por motivos de medo e preconceitos prefere referenciar ou menosprezar atrasando no diagnóstico e tratamento, favorecendo a disseminação regional. As regionalizações da saúde, fora de

grande centros, favorece os desfechos negativos. Milhares de pequenas cidades do interior do Brasil, sem estrutura hospitalar, necessitam de centros de referências e assim pioram a sobrecarga do sistema de saúde devido a centralização devido ao custo operacional de manter tais unidades.

A mídia aproveitadora apela para os estigmas sem trazer

soluções, inclusive para o sensacionalismo não construtivo. Necessita-se de apoio para informar, educar e construir. Ajudar a reinventar com solidariedade o novo mundo. Pessoas passam fome no isolamento social e mesmo com políticas de repasse de verbas não resolve a longo prazo os prejuízos e as iniquidades da pandemia.